

DIÁLOGOS SOBRE HOMOFOBIA COM JOVENS DE ENSINO MÉDIO: UMA PESQUISA COM GRUPO FOCAL

Raquel Alexandre Pinho dos **Santos** – PUC-Rio

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este trabalho tem por objetivo ser uma breve análise das opiniões sobre diversidade sexual que circulam entre estudantes de Ensino Médio, em uma escola da Rede Estadual do Rio de Janeiro. Para tanto, foi realizada uma dinâmica de grupo focal, a qual foi gravada e transcrita, e na qual os estudantes responderam algumas questões por escrito. Nela, busco identificar, analisar e problematizar os significados e sentimentos, explícitos ou implícitos, atribuídos pelos estudantes a uma situação de homofobia. Dentro disso, questiono como a diversidade sexual é reconhecida. Por fim, proponho a problematização como uma estratégia de ensino que valorize a alteridade e as diferenças sexuais. Assim, afirmo a relevância de uma educação não-sexista e não-homofóbica voltada para a Educação Básica.

Palavras-chave: Sexualidade; Homofobia; Grupo Focal; Dilema moral; Alteridade

DIÁLOGOS SOBRE HOMOFOBIA COM JOVENS DE ENSINO MÉDIO: UMA PESQUISA COM GRUPO FOCAL

INTRODUÇÃO

Segundo Candau (1999, p. 40), a qualidade da educação se faz presente “na perspectiva de uma qualidade intelectual, cultural, social, ética e política, que não pode ser reduzida aos aspectos científicos e técnicos do processo pedagógico”. Segundo a pesquisadora, é necessário ressaltar a importância de construir caminhos coerentes com nossa própria formação histórica, cultural e social, ou seja, com a configuração multicultural específica de nossa sociedade. Dessa forma, considerando a importância do debate sobre a diversidade sexual, presente no cotidiano social, mas ainda um tabu no cotidiano escolar, questiono: como nossos estudantes compreendem as diferentes expressões da sexualidade? Eles conseguem identificar uma situação de homofobia? Eles possuem uma postura homofóbica diante de situações cotidianas?

Por mais que a aceitação e a valorização das diversas sexualidades estejam aumentando, vemos o aumento da exposição de situações de violência contra homossexuais em festas, boates, passeatas, universidades ou, simplesmente, no ir e vir das ruas da cidade. Nos casos de violência física contra homossexuais, os agressores são geralmente jovens do sexo masculino que ainda estão em processo educativo, nas escolas ou nas universidades. O mais alarmante é que esses jovens não sabem explicar porque agem assim. Como aponta Andrade (2010, p. 120-121), baseado numa perspectiva arendtiana, algumas barbáries cometidas na atualidade podem não se fundamentar na inveja, no ódio, na cobiça ou mesmo na estupidez, mas sim na irreflexão, na incapacidade de pensar e significar os próprios atos. *A banalidade do mal*, neste caso, está associada ao vazio do pensamento. Sem uma autorreflexão, não há conscientização nem a justificativa para tais atos. Como a escola tem atuado neste sentido? Como comprometer a tarefa educativa também com o respeito e os valores morais mais fundamentais, como justiça, igualdade, liberdade, solidariedade, diálogo e tolerância?

Além disso, o foco dos estudos sobre homossexualidade esteve, há algumas décadas, centrado nos estudos psicológico e médico do comportamento sexual. Mais recentemente, o foco passa a ser nos processos que levaram às classificações e à atribuição de valores das expressões sexuais. Para Borrillo (2010, p. 14, grifos do autor), “deixa de ser a *questão homossexual* [...], mas precisamente a *questão homofóbica* que, a partir de agora, merece uma problematização específica”.

Assim, a preocupação de alguns pesquisadores da educação em debater e desvelar as diferenças tem sido importante para lutar contra discriminações muitas vezes encobertas em atitudes naturalizadas e cotidianas nas escolas, como a homofobia. Portanto, pesquisar como os jovens se posicionam dentro da temática da diversidade sexual se justifica na possibilidade de apresentar novos e importantes elementos para uma escola cada vez menos homofóbica e sexista, e com isso, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de reconhecer, viver e conviver com as suas diferenças sexuais.

METODOLOGIA: A INTERAÇÃO NOS GRUPOS FOCAIS

A pesquisa se deu numa perspectiva dialógica e em duas etapas: grupo focal e entrevistas. Neste trabalho, serão analisados apenas os dados obtidos no grupo focal, realizado com doze jovens. A pesquisa foi apresentada aos alunos que se inscreveram

por iniciativa própria. Assim, a participação foi de adesão voluntária e aleatória, numa escola pública de ensino médio de aproximadamente 2000 estudantes.

O grupo focal se justifica, pois (1) permite a coleta de informações em um período mais curto, ou seja, um encontro; (2) facilita a captação de processos e conteúdos cognitivos, emocionais e representacionais coletivos, portanto, menos idiossincráticos e individualizados; (3) quando se quer explorar o grau de consenso sobre um tópico e (4) quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições (GATTI, 2005, p. 09-10). A interação no grupo promove uma dinâmica própria, que facilita a exposição de idéias diferentes das opiniões particulares. Desta forma, o grupo focal realizado nos revelou representações, crenças, valores e idéias compartilhadas sobre a temática da diversidade sexual que surgem em âmbito coletivo.

Segundo Gatti (2005, p.17), o grupo focal “deve ter uma composição que se baseie em algumas características homogêneas dos participantes, mas com suficiente variação entre eles para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes”. A característica comum foi o nível de ensino e a classe sócio-econômica de pertencimento destes jovens: todos pertencem ao ensino médio público e advêm de camadas populares. Por outro lado, o grupo apresenta diversidade de gênero, idade e lugar de residência (Anexo 1).

Para a realização do grupo focal, foi criado um dilema moral, isto é, uma situação na qual nenhuma solução é plenamente satisfatória. Dilemas morais são situações hipotéticas que desafiam aqueles que tentam decidir o que é certo e o que é errado naquela hipótese. Segundo Audi (2006, p. 235), um dilema moral pode ser definido como: (1) “qualquer problema no qual a moralidade ocupa lugar de relevo”, (2) “qualquer esfera de assunto onde não se *sabe* o que é moralmente bom ou certo”, (3) uma “situação na qual um agente moralmente *deve* fazer um de dois atos”, (4) uma “situação na qual um agente tem a *exigência* moral de praticar uma de duas ações”, (5) “uma situação na qual um agente tem a exigência moral de adotar uma de duas alternativas, e *nenhuma* exigência é *prioritária*”, (6) “uma situação na qual um agente não tem *rigorosa* obrigação ou exigência moral de adotar uma de duas alternativas, e nem é pressionado por nenhuma prioridade, mas não pode adotar ambas”.

O dilema moral utilizado neste trabalho é uma breve narração apresentada em duas partes de uma mesma história (Anexo 2), que projeta uma situação possível de acontecer no cotidiano e está em alinhamento com o descrito por Audi (2006). De fato, o dilema moral foi construído a partir do período de observação realizado na escola

pesquisada. Nesta pesquisa, o dilema moral foi discutido em grupo e, ao final do debate, os participantes responderam individualmente e por escrito algumas questões sobre como se sentiram durante a resolução do dilema. O grupo focal foi registrado a partir de quatro gravadores e, posteriormente, transcrito. As respostas individuais foram escritas pelos próprios participantes e, posteriormente, digitadas. O breve questionário foi muito útil para confrontar as posições individuais com as posições que surgiram durante a discussão em grupo, analisando se a pressão de grupo influenciava na opinião dos jovens. Na primeira parte, a história foi sobre cola¹. Na segunda parte, a história continha uma discriminação homofóbica e se tornou mais polêmica e o dilema no qual se encontravam os participantes era mais provocativo. Logo, existiram dois temas em jogo: as regras e os valores que os sujeitos movimentam para resolver atitudes censuráveis e seu posicionamento diante de uma atitude discriminatória do *outro*.

Esta estratégia de usar uma história que inicialmente nada tinha a ver com homofobia serviu para não influenciar os participantes, uma vez que eles sabiam que o tema central da pesquisa era preconceito, mas, neste grupo focal, não sabiam que tema seria tratado. Isso porque desejávamos saber se eles seriam capazes de identificar uma situação de homofobia, sem anúncio prévio pela equipe de pesquisa. Como veremos mais adiante, eles foram.

DIALOGANDO SOBRE COTIDIANO ESCOLAR E HOMOFOBIA

O dilema proposto possuía 3 personagens: Fernando, Silas e Diego. Silas é um jovem muito tímido. Fernando é popular e amigo de Silas. Já Diego é intimidador. Na primeira parte, Diego pressiona Silas a lhe dar cola durante a prova de português. Silas sente-se ameaçado e Fernando precisa decidir entre ajudar Silas ou deixá-lo resolver sozinho. Já na segunda parte, Diego insinua para a turma um suposto relacionamento entre Fernando e Silas. Ele também ameaça Fernando com um bilhete. De novo, Fernando precisa decidir entre intervir ou não na situação (Anexo 2).

Segundo os dados analisados, durante a primeira parte, os estudantes usaram uma noção de justiça baseada no cuidado, pois a amizade aparece como elemento central para a resolução do dilema. A amizade é um fator importante para esses jovens quebrarem uma regra. Eles relatam que: (i) dedurar para defender um amigo é algo aceito; (ii) dar cola para um amigo não é um problema; e (iii) dedurar só vale se não for

¹ Cola aqui significa as respostas que são trocadas entre os alunos durante as avaliações individuais e que claramente são consideradas indevidas pelos professores.

um amigo. Em três afirmações, há intenção de conciliar a existência da regra com o interesse dos envolvidos, demonstrando certa flexibilidade, isto é, a regra poderia mudar dependendo da situação.

P (Pesquisadora): Então o que vale mais é a amizade, não é a situação?

Greg: Acho que é. Não sei. Dar cola para um amigo vale, mas dar cola para uma pessoa que não é tão amiga, não vale...

A amizade também é um valor relacionado à proteção. Os estudantes mostram que, quando um amigo não sabe se defender, deve ser ajudado.

Matheus: Ele é amigo do Silas, ele tem que proteger o Silas.

Durante o debate, parecia que os jovens não tomariam atitudes concretas para resolução do problema da intimidação, já que quando precisam resolvê-lo procuram pelo adulto, no caso a professora, que é a referência de autoridade naquele momento. Esse comportamento ocorre, pois, geralmente em nossas salas de aula, os estudantes não são estimulados a resolverem conflitos, passando a responsabilidade aos adultos. Mas, recorrer ao professor não se baseou apenas na vontade de passar o problema à diante, ao contrário, eles sabiam o que e porque deveria ser feito, exigindo da professora um comportamento: chamar a atenção de Diego, corrigindo-o. Eles buscavam uma autoridade que estivesse acima daquela usufruída (indevidamente) por Diego.

P: Elena, o que você faria no caso do Fernando?

Elena: Bem, acho que eu iria chamar a professora.

P: Chamar a professora? Em que circunstância?

Elena: Ah, eu acho que iria falar: “Professora, aí, está intimidando o garoto aqui, porque ele está pedindo para dar cola e ele não tá querendo dar, e ele está intimidando”.

Na primeira pergunta escrita “*Você é o Fernando. Qual a sua decisão?*”, esse resultado também aparece. A maioria dos participantes (11) indica a figura da professora como a mais habilitada para resolver a situação, o que variou foi a forma como seria feito: discretamente durante a prova (7), depois da prova (2), só se percebesse que o Silas precisasse (1) e tentaria falar com Diego primeiro (1). Apenas uma resposta aponta que Fernando deveria enfrentar diretamente Diego.

Na segunda pergunta “*Você é o Fernando. Como você se sente diante da sua decisão?*”, eles indicam sentimentos de bem-estar, como conforto e felicidade, para descrever a decisão de intervir a favor de Silas, e justificam: “*Bem, por ter feito a coisa que para mim é o certo*”; “*Ajudei meu amigo. Tô bem*”; “*Me sinto bem, pois fiz o que eu achava que era o certo*”; e “*Me sentiria bem, pois se eu não pudesse fazer algo,*

gostaria que me ajudassem”. Alguns dizem que se sentem bem por terem feito o certo e outros apontam a amizade e a solidariedade presentes na ação.

Durante o debate, dois participantes demonstram um não-comprometimento com a situação, isto é, quando a situação não lhes envolve, eles não se envolvem nela:

Bruno: Eu não chamaria a professora.

P: Você não chamaria?

Bruno: Eu não tenho nada a ver com isso.

Este mesmo jovem também indicou, na primeira pergunta, que só interviria “*se percebesse que o Silas precisa*”. E na segunda pergunta escrita, que não interviria na situação: “*eu fiz a coisa certa de não me intrometer, sem ser chamado*”. Essa colocação revela um possível individualismo, pois as pessoas preferem não interferir na situação, já que aquilo não lhes diz respeito; ou não conseguem se colocar no lugar do *outro*; ou os sujeitos estão cada vez mais distantes.

Durante o debate, dois alunos afirmaram que tentariam resolver o problema com os envolvidos antes de recorrer à professora, o que mostra bom nível de autonomia por parte desses jovens. Inclusive, ter iniciativa é uma característica apreciada por eles.

P: Você acha que a gente ajuda os tímidos quando a gente toma a frente da decisão deles?

Jéssica: Às vezes. [...] É porque, às vezes, ele tem que aprender a tomar iniciativa. Se tomar por ele, não estará ajudando.

Na terceira pergunta “*Você é o Silas. Como você se sente diante a decisão de Fernando?*”, o grupo fica dividido entre a gratidão pela ajuda de Fernando e a vergonha pela falta de autonomia. Para eles, autonomia e iniciativa são valores muito importantes. Relacionam autonomia à atitude e coragem e colocam essas características como fundamentais para a personalidade de uma pessoa bem-sucedida. Eles indicam que ficariam “*Agradecida pela atitude de me defender e livrar a minha barra, mas também com a sensação de ter que agir por mim mesmo*” e “*Aliviado, feliz e um pouco constrangido, pois Fernando me ajudou, mostrando ser meu amigo, e constrangido por não ter tomado alguma atitude*”.

Na quarta pergunta “*Você é um aluno da turma. Como você se sente diante da tomada de decisão de Fernando?*”, quando os participantes precisam se colocar no lugar de alguém fora da história, apenas uma aluna manifestou um sentimento de solidariedade, indicando que teve vontade de ajudar: “*Estaria disponível para ajudar Fernando e Silas para o que vier à frente, depois de ter sido espalhada a colação de Diego*”. Os outros participantes não se envolveram na situação, alguns indicaram estar

felizes por Fernando ter ajudado Silas, e outros se declararam indiferentes. Acredito que essa postura de não envolvimento em uma situação de injustiça desvinculada do sentimento de amizade pode estar relacionada com o individualismo reforçado em nossa sociedade. A solidariedade é exercida quando o alvo da ação é um amigo. Já um desconhecido ou alguém mais distante é identificado como fora do limite da responsabilidade de intervenção.

Na segunda parte do dilema, há uma diversidade de opiniões sobre sexualidade. Os jovens apresentaram certa dificuldade de conversar sobre essa temática, uma vez que a conversa sobre a cola se mostrou central e ofuscou a conversa sobre a utilização do comportamento afetuoso dos personagens como meio para intimidá-los. Em muitos momentos, eles partem da negação da homossexualidade:

Elena: Não tem prova suficiente de que eles são gays.

Mark: Na conversa, na opinião dele, ele achou que era um papo de gay, mas a opinião é de cada um. O que um pode interpretar como uma coisa, outro pode interpretar como outra.

Jéssica: Acho que ele não é não. Só por causa dessa conversa eles são gays ou não? Acho que não. Muitos homens conversam assim.

Joey: Aqui não está mostrando que ele é gay nem nada. Eu ficaria calado. Pra que falar com ele? Sei que ele está errado mesmo. Eu não sou gay...

Ou seja, alguns nem trabalham com a possibilidade da homossexualidade, negando que esta seja uma opção válida para a situação descrita, e por isso, nem entram na discussão da discriminação homofóbica. Entendo que esta postura de negação está articulada ao que Prado e Machado (2008, p. 24-25) chamam de *subalternidade*:

O preconceito se instala a partir do momento em que a diferença grupal não permite um sentido de comparação que não seja a exclusividade, isto é, uma comparação que exige hierarquização, já que a existência de uma posição ameaça a soberania identitária de outra. Aqui, pode-se dizer que o preconceito social é o alimento necessário para tornar invisíveis as formas subalternas de existência, além de sustentar, com a tentativa de dar coerência a um consenso hegemônico, uma posição hierarquicamente superior. Neste sentido, as práticas homossexuais são invisibilizadas.

Um elemento intrínseco ao preconceito sexual é a prática do silêncio e da dissimulação. O silêncio e o discurso são elementos do mesmo dispositivo: saber-poder. Para Foucault (2008, p. 111) é no discurso que se articula saber e poder. Esse dispositivo é complexo e instável, pois discurso e silêncio podem ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder.

O discurso veicula e produz o poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 2008, p. 112).

Neste ponto, surgem dois questionamentos: o que estabelece o que é dito e o que é silenciado? E quais são os efeitos do silêncio e da negação? Uma aposta está nos processos heteronormativos reiterados ao longo de toda a trajetória de socialização destes jovens. Os significados já estavam estabelecidos no mundo quando estes sujeitos nasceram, tornando-os, ao mesmo tempo, produto e produtores de verdades. As instituições e as relações sociais marginalizam as práticas homossexuais e, ao não falar delas, espera-se que os jovens não as descubram. Enquanto isso, a heterossexualidade é reforçada por suas práticas discursivas, inclusive pelo silêncio. Por consequência, ocorre a reiteração da subalternidade aos homossexuais, o que reforça o tabu e o preconceito. Assim, muitos jovens não reconhecem a possibilidade de que seus pares realizem outra prática. É um movimento circular, mas também construtivo, e, portanto, pode ser desconstruído e ressignificado através de práticas educacionais mais sensíveis e inclusivas.

Na quinta pergunta “*Você é Fernando. Qual é a sua decisão?*”, os participantes apontam novas e velhas soluções para resolver a confusão: falar com a professora (6), virar a zoação contra o Diego (3), partir para a briga (4), continuar fazendo a prova e encarar a zoação (4), enfrentar o Diego (1) e consultar Silas se o namoro pode ser revelado ou não (1). Mais uma vez, temos a figura do adulto como mediador do conflito. Porém, aqui surgem novas questões: quando aparece a questão da homossexualidade, por que surge também a violência como forma de resolução do conflito? E o que significaria “*virar a zoação contra o Diego?*”

Nesta pergunta, aparecem quatro referências à briga física. Também surgem, ao longo do debate, três citações à violência como recurso para resolver o problema.

P: O que você faria? A situação se complicou.

Renato: Bom, se o cara começar a me mandar bilhetinho assim, tipo me ameaçando... Sei lá, eu faria de tudo para não chegar a esse ponto, mas se chegasse a isso, eu acho que eu quebraria a cara dele. Tipo, se ele por em risco ou não que eu fosse viado, eu ia tá quebrando a cara dele.

P: Tá. E se você tivesse mais chances de apanhar do Diego do que ganhar a briga?

Renato: Ah, sei lá, eu partiria pra briga do mesmo jeito, na hora da raiva, tiro forças, tacaria a cadeira na cabeça dele.

P: Na hora da raiva você acha que tira força de onde não tem?

Renato: É, pô. Eu não deixaria chegar num ponto desses, aí o cara chega...

P: E no caso, se você tem um relacionamento com o Silas, você faria isso mesmo sem o consentimento do Silas, ou não?

Renato: Na hora, sei lá, dá raiva...

A violência parece surgir por duas vias: (1) ódio cultivado a partir da intolerância às diferenças sexuais ou (2) dificuldade de conseguir expressar sentimentos. Neste caso, aponto a segunda hipótese para explicar a agressividade emergente. Além disso, posteriormente, nas entrevistas, Renato declarou ser homossexual, o que explica a raiva que ele declara sentir sobre ameaças e brincadeiras que envolvam questões de sexualidade. Renato disse, nas entrevistas, que ele não tem espaço para diálogo e esclarecimento nem em casa, nem na escola. Para ele, faltam argumentos para resolver tais conflitos de maneira não violenta. Acredito que este não seja um caso isolado. Como Renato, ao sentir a necessidade de resolver o conflito, e sem argumentos para fazê-lo, alguns jovens podem optar pela violência física para se defender de ataques homofóbicos, ainda que não tenhamos dados suficientes para comprová-lo.

Ainda temos a questão de virar a brincadeira para o Diego, ou seja, acusá-lo também de ser gay. Apesar de aparecer em cinco falas que a homossexualidade não interfere para o desdobramento das situações cotidianas, isto é, que não faz diferença para a situação se Silas é ou não gay, oito trechos do grupo focal mostram que a homossexualidade pode ser usada como ofensa. O que nos leva a refletir: a diferença sexual é ou não motivo para tratamentos desiguais? Existe ou não preconceito? Por que os jovens utilizam a homossexualidade como arma de deboche? Contraditoriamente, esses mesmos jovens indicam que a homossexualidade quando usada como ofensa e ameaça é *bullying*, é crime, é homofobia, é preconceito. Porém, durante a resolução do conflito, não há uma desconstrução do uso pejorativo da homossexualidade. Eles conseguem enxergar o preconceito na atitude dos outros, mas não percebem que reproduzem o preconceito ao “voltar o ataque” ao agressor.

Embora os estudantes identifiquem a ameaça de Diego como uma situação de homofobia, eles usam a brincadeira homofóbica para resolver a situação. Para uma parte do grupo, basta ameaçar Diego da mesma forma e a questão está resolvida. A brincadeira ocupa um papel perigoso e permissivo. Parece que por ser feito como brincadeira não é considerado grave. E por não ser grave, é permitido. Nenhum estudante questionou se tal solução do dilema seria também preconceito. Usando a

justificativa da brincadeira e da zoação esses alunos promovem discursos homofóbicos e colocam a homossexualidade como instrumento de ofensa e escárnio:

Amber: Como é que Diego vai provar essas coisas [a relação homossexual]?

Elena: Vão falar que ele está com ciúminho dos dois, querem fazer um triângulo. É fácil reverter de volta para quem está zoando.

Amber: Com certeza.

P: É fácil? Como é que faz isso?

Elena: Como ela falou, revertendo os papéis, ué?

Mark: “Tá com ciúme deles?”.

P: Tiraria o foco da acusação de vocês e jogaria para o Diego?

Mark: Com certeza.

Elena: Se fosse o caso das zoações do Diego em cima do Silas, era só tirar o foco, o pessoal todo ia zoar. Pra zoar só o Diego, era só eles dois mudarem o foco.

A brincadeira é, em muitos casos, o prenúncio da violência. Como já dito, alguns jovens agredem física e verbalmente pessoas que eles julgam homossexuais sem nem saber explicar o porquê de tal conduta. O mal se torna banal quando não tem explicação convincente, nem motivação ideológica ou patológica. Diante disso, como este fenômeno se processa? Como o mal ocupa o lugar da normalidade sem qualquer explicação? Andrade (2010, p. 114-115, grifos meus) indica duas características das sociedades de massas: “O mal se torna banal porque os seus agentes são *superficiais* e suas vítimas são consideradas *supérfluas*”. A não reflexão dos agentes e a subalternidade das vítimas parece mover um círculo vicioso não percebido pelos jovens.

Na sexta pergunta: “*Você é o Fernando. Como você se sente diante da complicação do caso?*”, vemos a dificuldade de lidar com a exposição de uma sexualidade desviante da norma. Alguns se sentem bem com a atitude que tomaram (8). Outros sentem raiva (3), chateação (1) e preocupação (2). Há também aqueles que ficam divididos entre o bem-estar e a preocupação (2).

Na sétima pergunta: “*Você é Silas. Como você se sente com a decisão de Fernando?*”, as opiniões são variadas. Alguns ficam bem (5), agradecidos (1). Outros ficam assustados (4), envergonhados (1) ou esperariam Fernando tomar uma atitude (2). Aqui, a vergonha não aparece associada à autonomia, e sim à acusação da homossexualidade até, então, não revelada. Tanto no papel de Fernando quanto no de Silas, esses jovens apresentam desconforto com a exposição de uma sexualidade desviante da norma. Muitos não conseguem resolver o conflito argumentativamente, partindo para briga ou chamando a professora. Alguns aguardam a decisão do amigo.

Possivelmente, essas reações aparecem por eles não saberem o que fazer em situações como essas, deixando a decisão para outra pessoa.

A expressão “sair do armário” é comumente usada para este processo de expor uma não-heterossexualidade. Sobre isso, Louro (2010, p. 30) observa que a escola é

sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância.

A sexualidade não opera apenas no nível privado, mas também em terrenos públicos. Em nossa sociedade, a sexualidade ainda é um dos marcadores culturais mais fortes na definição da identidade pessoal e do pertencimento a grupos. Na medida em que a sexualidade foi sendo responsável pela definição das identidades, a intimidade, o desejo e o sexo tornaram-se práticas sociais que servem para criar tanto semelhanças quanto diferenças. Porém, as diferenças foram hierarquizadas e são tratadas de forma desigual. Ainda hoje, para muitos jovens, expor uma sexualidade desviante da norma é estar sujeito a humilhações e marginalização social. Em virtude disso, o movimento *gay* propõe combater as práticas discriminatórias através da apropriação, ressignificação e valorização do “sair do armário”.

O movimento *gay* não percebe a visibilidade, a revelação da intimidade e da identidade *gay* como diminuição da sociabilidade; tampouco entende o silêncio como proteção (...). Por isso, quando o movimento *gay* luta por visibilidade através da política do “sair do armário”, está lutando contra a organização da cultura e de nossa herança moderna de uma sociedade vigilante e classificadora da sexualidade (FERRARI, 2004, p. 110).

Destaco aqui três falas onde nem Silas nem Fernando devem assumir a homossexualidade publicamente, pois isso não seria respeitoso com o parceiro. Estas três falas são do mesmo jovem, Greg, e indicam que em um relacionamento é importante levar em consideração a opinião e a vontade do parceiro, independente da orientação sexual que o casal possui. Vale destacar que Greg se apresenta como heterossexual². É interessante notar também que posteriormente, nas entrevistas, Greg

² Esta afirmação está baseada no fato do entrevistado apresentar à pesquisadora sua namorada no dia da entrevista individual.

afirma que tudo que sabe é proveniente de ensinamentos do pai. O pai, um migrante nordestino que vive como porteiro no Rio de Janeiro, é uma figura muito presente nos discursos deste jovem. Ele indica que o pai sempre o orientou a respeitar o próximo, independente de quem seja. Em suas declarações vemos que os ensinamentos de valores morais fundamentais estão presentes desde sua infância.

Este jovem expõe exatamente o contrário da *banalização do mal*: ele possui opiniões éticas localizadas em princípios tolerantes de convivência com a diferença sexual. Fica aqui o inquietamento: a família é sempre uma instituição reprodutora de preconceitos? O exemplo bem-sucedido de Greg não me parece impossível de ser reproduzido: educar para valores e para o respeito desde a natalidade, o surgimento no mundo. Neste processo, o adulto, enquanto exemplo vivo, deve ser uma figura presente e significativa, tal como Greg indica ser a figura paterna em sua formação moral.

Greg: No caso, antes de falar isso pro Diego, ele teria que perguntar primeiro para o Silas, se ele gostaria de assumir a situação.

Na oitava pergunta: “*Você é um aluno da turma. Como você se sente diante da decisão de Fernando?*”, os participantes indicam os sentimentos: normal (5), assustado (2), entusiasmado com a fofoca (2), reconhecedor da atitude do Fernando (3), e reprovador da atitude de Diego (2). A indiferença e o não-envolvimento mais uma vez aparecem. Além disso, por mais que reprovem a ameaça homofóbica de Diego, ninguém toma uma atitude concreta. Neste ponto, parece que encaram a homofobia como um acontecimento relacional, que deve ser resolvido entre as pessoas que entraram em conflito. Em nenhum momento, eles apontam a homofobia como um fenômeno com dimensões mais amplas que atinge toda a sociedade. Borrillo (2010, p. 18) nos aponta que existe uma dupla dimensão na questão da homofobia: rejeição irracional (homofobia afetiva) e construção ideológica (homofobia cognitiva). Por isso, é importante considerá-la tanto no plano individual quanto no plano social. Por mais que os participantes consigam identificar que existe uma rejeição homofóbica, eles não demonstraram entender a lógica heteronormativa que circunda tal fenômeno.

P: Olha, imaginem, até o momento Fernando não disse nada, se ele é gay ou se ele não é gay. Aí, de repente, ele resolve assumir no meio da prova que eles dois namoram. Você sendo uma pessoa de fora, outra pessoa da turma, como é que você ia se colocar, o que ia pensar?

Dean: Ele não ia pegar e assumir. Ele não vai pegar e falar.

P: Aí o Diego fala assim: “Ah! eu salvei a sua resposta do MSN e vou colocar no meu Orkut”.

Dean: Mais isso é... Como é o nome da palavra?

Vários: Homofobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte do grupo focal, surgiram as temáticas: (1) flexibilização das regras quando se trata de um amigo; (2) reconhecimento da iniciativa e da autonomia como características valorosas; (3) autoridade docente como recurso para resolução de conflitos. Já na segunda parte, apareceram as ideias: (4) negação da possibilidade de homossexualidade; (5) utilização da violência para resolver um conflito que pode macular a heterossexualidade dos envolvidos; (6) utilização da homossexualidade como xingamento e ofensa; (7) reconhecimento da homofobia relacional; (8) questionamento acerca de se os personagens deveriam ou não “sair do armário”; (9) família como instituição perpetuadora de opressão, mas também como espaço de resistência.

A partir da dificuldade que os alunos apresentaram para falar da temática e dos argumentos usados por eles para explicar as atitudes dos personagens, cabem aqui alguns questionamentos: existe espaço para debater as sexualidades na escola? Com quem esses jovens conversam sobre isso? Por que a mobilização da violência física e verbal para a resolução de conflitos que envolvam a diversidade sexual?

Como nos indica Ferrari (2014, p. 106), a escola,

por ser o lugar por excelência de conhecimento, não é o espaço do senso comum, mesmo que ele insista em aparecer pelas falas dos alunos e alunas. A escola é o local de problematização do senso comum, do que não nos assusta mais porque naturalizamos. E dizer das homossexualidades é dizer desse senso comum, dessa forma de conhecer que organiza o social, que invade as escolas e que constrói sujeitos. Assumir a postura de problematização é mais do que olhar para o que está nas salas de aula, é questionar a forma de conhecer, é dar um passo atrás para olhar de outra forma.

Portanto, acredito estar na problematização, no questionamento, na habilidade do pensar diferente, o espaço propício para a desmistificação de identidades e para a superação de preconceitos e discriminações. O que parece faltar a estes jovens é uma dimensão de alteridade mais valorada. Se na escola somos ensinados a nos colocar no lugar do *outro*, ou seja, de trabalhar a alteridade, podemos ter um convívio tolerante e respeitoso. É resgatando a problematização como instrumento educativo que poderemos pensar em um novo formato escolar, onde as verdades são abaladas, mas também onde há oportunidade para promoção do pensamento, da alteridade e da diferença. Dessa forma, neste novo formato, os educadores podem contribuir efetivamente, em todos os

momentos e fases do ensino, para a não alienação de jovens de si mesmos e da sociedade em que vivem.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPEd, v. 115, n. 43, p. 109-125. 2010.
- AUDI, R. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. Tradução de João Paixão Neto. São Paulo: Paulus, 2006.
- BORRILLO, D. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CANDAU, V. M. Reformas educacionais hoje na América Latina. In: MOREIRA, A. F. (org.) *Currículo: políticas e práticas*. Papirus: São Paulo, 1999. P. 29-42.
- FERRARI, A. Experiência homossexual no contexto escolar. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, Edição Especial, n. 1, p. 101-116. 2014.
- _____. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPEd, n. 25, p. 105-115. 2004.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir. Nascimento na Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GATTI, B. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro Editoria, 2005.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.) *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 07-34.
- PRADO, M. A.; MACHADO, F. *Preconceito contra homossexualidades. A hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

ANEXOS

Anexo 1 - Quadro descritivo dos informantes³

Nome (Fictício)	Sexo	Idade	Bairro	Série
Amber	Fem.	17	Pedra de Guaratiba	2º ano
Bianca	Fem.	16	Recreio	2º ano
Bruno	Masc.	18	Madureira	3º ano
Dean	Masc.	17	Rocinha	3º ano
Elena	Fem.	18	Barra da Tijuca	3º ano
Greg	Masc.	17	Tijuca	3º ano
Jessica	Fem.	18	Itanhangá	3º ano
Joey	Masc.	16	Itanhangá	2º ano
Kelsy	Fem.	17	Rocinha	3º ano
Mark	Masc.	16	Jacarepaguá	2º ano
Matheus	Masc.	16	Taquara	1º ano
Renato	Masc.	18	Vidigal	2º ano

Anexo 2 – Dilema no teste de português

Situação 1 - O Dilema do Fernando

Diego é visto na escola como um aluno problemático e desafiador das normas. Também é conhecido entre os amigos pela sua agressividade e pelas brigas fora e dentro da escola. Junto com alguns colegas, costuma fazer muita algazarra durante os intervalos e trocas de professores, desrespeitando os funcionários e também arranjando confusão com outros estudantes.

Certo dia, a professora de português decidiu aplicar um teste surpresa, o que deixou Diego um pouco tenso, devido ao seu mau desempenho na disciplina. Decidido a colar de algum colega da classe que fosse “inteligente” ele procura se sentar perto de Silas.

Silas é um aluno tímido, estudioso e com algumas dificuldades de relacionamento. Frequentemente ele é alvo das zoações de Diego e sua turma.

Ao pedido da professora para que todos se sentassem para o teste, Diego olha para Silas, faz um sinal claro de que lhe pedirá cola durante o teste e senta-se na carteira ao lado. Silas fica extremamente desconfortável com a situação, mas prefere disfarçar.

³ O quadro se baseia em informações autodescritivas. Foram também os estudantes quem escolheram seus nomes fictícios.

Fernando é um aluno respeitado pelos colegas, com bom relacionamento com todos. Como diz a galera: “*O cara tem moral e manda bem*”. Além disso, Fernando é visto pelos professores como um aluno aplicado. Ele também é um dos representantes da turma. Fernando é um dos poucos amigos de Silas. O jovem senta-se na carteira atrás do amigo, seu lugar habitual na sala, e percebe a situação armada por Diego a fim de conseguir cola.

A professora, então, anuncia o início do teste e avisa:

– *Quem for pego colando ou dando cola ganhará zero. Já sabem, né? Obrigação de aluno é colar e a do professor pegar a cola. Não duvidem de mim, pois sou boa no que faço!*

Diego começa a olhar descaradamente para o teste de Silas. Diante da vigilância da professora, ele disfarça. Quando a professora se afasta, Diego fala bem baixinho – somente Silas e Fernando escutam:

– *Aê, nerd viado! É bom colaborar, para o seu próprio bem.*

Silas cada vez mais intimidado com a situação, não toma nenhuma atitude. Fernando observa tudo e já não consegue se concentrar em sua própria prova. Diego, vez ou outra, consegue ver as respostas de Silas, que tenta não colaborar e nem impedir que o outro veja seu teste. No entanto, a situação se complica porque Diego está querendo trocar de teste com Silas, que não consegue reagir por causa de sua timidez e por medo das represálias e das *zocações* que sofre. Fernando sabe que é inevitável que a professora veja seu amigo dando cola para Diego e sente vontade de fazer algo.

Porém, ele tem muitas dúvidas: deve Fernando intervir a favor de Silas? Ainda que discretamente, Fernando deve incentivar Silas a reagir e não continuar colaborando com Diego? Deve usar a ‘moral’ que ele tem na turma e tentar ‘frear’ as intimidações de Diego? Deve denunciar a atitude de Diego para a professora? Se Fernando interferir na situação estará de fato ajudando Silas? Se Silas colaborar com Diego e se eles não forem pegos, será que ele não poderá ser mais aceito pela turma? Afinal, o que deve fazer Fernando?

Perguntas:

- 1) Qual a sua decisão?
- 2) Você é o Fernando. Como você se sente diante da sua decisão?
- 3) Você é o Silas. Como você se sente diante a decisão de Fernando?
- 4) Você é um aluno da turma. Como você se sente diante da tomada de decisão de Fernando?

Situação 2 - Diego muda seu alvo

Diego percebe o incômodo de Fernando com a situação e resolve fazer uma provocação pública a fim de também intimidar o representante de turma. Ele levanta a mão e chama a professora, que logo se aproxima. Então, ele pergunta num tom irônico e relativamente alto, para que Fernando e Silas escutem:

– *Fessôra, aê? Eu quero responder uma parada aqui, mas não quero escrever palavrão, sabe? Tipo assim, escrever ‘viado’ não fica bem numa prova... Então, a parada é o seguinte: homossexual se escreve com dois êsses, né?*

– *Que gracinha é essa, Diego?! Desde quando esta prova está tratando deste tema?* – Pergunta a professora em tom de reprovação.

– *Ae, fessôra... Nada, não, esquece! Já foi... Já mandei minha letra!* – Disfarça Diego, que volta a olhar para sua prova e finge concentração.

Quando a professora se afasta novamente, Diego entrega o seguinte bilhete para Fernando:

Se mete não, otário! Ou vou contar pra escola inteira aquela historinha sobre você e o viado do Silas trocando juras de amor na aula de informática. Se liga, otário!

Em poucos segundos, cai a ficha para Fernando. Ele entende perfeitamente as ameaças de Diego. Na semana anterior, no laboratório de informática, após um término de trabalho de pesquisa na internet, Diego encontrou o MSN do Fernando aberto e leu alguns trechos de conversas que Silas e Fernando trocaram durante a aula. Nestas conversas, Silas dizia ao amigo que estava *“muito triste em ter que se esconder em troca de ter um pouco de paz na escola”*, que *“o preço pelo respeito das pessoas era ter que esconder seus sentimentos”*. Ainda nestas conversas, Fernando dizia que gostava muito de Silas e que ele não tinha que ter medo de nada, mas que também não precisava expor seus sentimentos, pois *“realmente há muito preconceito e quase ninguém entende esta situação”*.

E agora, o que deve fazer Fernando? Deve Fernando ajudar seu amigo e por fim às intimidações de Diego? Deve contar para a professora e correr o risco de sofrer represálias e zoações por parte de Diego e seus amigos? Será que Fernando deve se expor tanto assim por causa de uma cola num teste? Caso Fernando defenda Silas, não estaria comprovada a suspeita de Diego? Deve Fernando arriscar sua reputação e liderança diante dos amigos e dos professores da escola para defender um amigo que não bem aceito socialmente?

Perguntas:

- 5) Qual é a sua decisão?
- 6) Você é Fernando. Como você se sente diante da complicação do caso e da nova decisão?
- 7) Você é Silas. Como você se sente com a decisão de Fernando?
- 8) Você é um aluno da turma. Como você se sente diante da complicação da situação e da tomada de decisão de Fernando?